

A relevância da fundamentação ontológica para uma psicopatologia dos transtornos ansiosos: a angústia como negatividade

The relevance of ontological reasoning for a psychopathology of anxiety disorders:

anguish as negativity

Letícia Reis de Andrade Souza

Mestre em Psicologia; Doutoranda pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil;
leticiareis.psicologia@gmail.com

Guilherme Messas

Doutor em Medicina; Professor Assistente do Departamento de Saúde Mental da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo São Paulo, SP, Brasil;
guilherme.messas@fmsantacasasp.edu.br

Resumo: A partir da constatação de que os transtornos ansiosos (CID F.40 – F.43) afetam 3,6% da população mundial e 9,3% dos brasileiros, torna-se prioridade para uma psicopatologia fenomenológica voltar-se ao fundamento ontológico que os sustenta para visar um caminho de investigação. A fenomenologia enquanto método é via fértil para o desvelamento de tais quadros e, conseqüentemente, para um futuro desenvolvimento de terapêuticas respectivas. Esta fertilidade se funda na força da explicitação fenomenológica das condições de possibilidade da experiência adoecida e da estrutura vivida do transtorno, respectiva ao modo como a experiência patológica pode estruturalmente se configurar. Os pensamentos hermenêutico e descritivo se dão para além das categorias universalizantes e das classificações abstratas, e, articulando-se à psicopatologia fenomenológica, suscitam o resgate do termo alemão "*angst*" enquanto possibilidade de fundamento ontológico dos transtornos ansiosos. "*Angst*", literalmente "angústia, foi traduzido em textos psicopatológicos para "*anxiety*", perdendo, enquanto "ansiedade", seu caráter constitutivo e reflexivo. Reduziu-se à descrição ôntica de sinais e sintomas, carecendo da recuperação de seu sentido originário para que se possa elucidar a posição privilegiada da angústia enquanto negatividade e como fundamento ontológico comum entre os transtornos ansiosos.

Descritores: Transtornos ansiosos. Angústia. Psicopatologia. Hermenêutica.

Abstract: Based on the fact that anxiety disorders (ICD F.40 - F.43) affects 3.6% of world's population and 9.3% of brazilians, the ontological foundation that sustains them becomes an investigation priority for phenomenological psychopathology. Phenomenology as a method is a fertile path for the unveiling of such conditions and, consequently, for the future development of respective therapies. This fertility is based on the strength of the phenomenological explanation of the conditions of possibility of the pathological experience and of the lived structure of the disorder, regarding the way in which the pathological experience can be structurally configured. Hermeneutic and descriptive thoughts are beyond universalizing categories and abstract classifications, and articulaed with phenomenological psychopathology, they evoke the german term "*angst*" as a possibility for the ontological foundation of anxiety disorders. "*Angst*", literally "anguish", was translated into psychopathological texts for "*anxiety*", losing by that its constitutive and reflective character. It was reduced to an ontic description of signs and symptoms, lacking the recovery of its original meaning in order to elucidate the privileged position of anguish as negativity and as a common ontological foundation among anxiety disorders.

Keywords: Anxious disorders. Anguish. Psychopathology. Hermeneutics.

Introdução

No seu relatório “Depressão e outros transtornos mentais comuns: estimativas globais de saúde”¹, a Organização Mundial de Saúde (World Health Organization, 2017) considera os transtornos ansiosos como de grande prevalência na população mundial, configurando, ao lado dos transtornos depressivos, as duas principais categorias diagnósticas dos transtornos mentais comuns. Aponta que 3,6% da população mundial sofre com algum tipo de transtorno de ansiedade, o que configura um total de 264 milhões de pessoas: um crescimento de 14,9% em relação aos dados de 2005.

O relatório “A carga dos transtornos mentais na região das Américas, 2018”², realizado pela Organização Pan-Americana da Saúde (PanAmerican Health Organization, 2018), um desdobramento regional da OMS, aponta o Brasil como o país com o maior número de pessoas com transtornos ansiosos do mundo: 18,6 milhões, o que equivale a 9,3% da população do país. Ambos os relatórios citados consideram que *“Este grupo de transtornos [ansiosos] comporta muitas síndromes caracterizadas por ansiedade proeminente, tais como transtorno de ansiedade generalizada, transtorno de pânico, fobia social e outros, (...) incluindo transtorno de estresse pós-traumático e transtorno obsessivo-compulsivo”* (PanAmerican Health Organization, 2018, p.13-14). Correspondem, portanto, aos diagnósticos compreendidos entre CID F.40 e CID F.43, inclusive (Organização Mundial de Saúde, 1997).

Tais dados constataam que os transtornos ansiosos apresentam elevada e crescente demanda clínica, posicionando-os na pauta das prioridades psicopatológicas. Solicitam, assim, ao campo, que se debruce mais originariamente sobre sua ocorrência, de modo a buscar compreendê-los para além dos limites do pensamento hegemônico da contemporaneidade, que contempla perspectivas explicativas e causalistas. Tanto em via de colaborar com os profissionais de saúde mental que são atravessados diuturnamente por tais demandas – que já se apresentam pré-situadas pelo paradigma patologizante, quanto em vias de olhar verdadeiramente aquilo que se dá para quem sofre diretamente, é que a fenomenologia emerge enquanto via de compreensão ontológica.

¹ Este relatório foi publicado em inglês. Para fins do presente artigo, foi realizada uma tradução livre.

² Idem nota 1, com exceção do título deste relatório, que se encontra traduzido em nota informativa no site da Organização das Nações Unidas (ONU) (disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/03/1662831>), tendo sido mantido conforme lá divulgado.

Toma-se aqui como ontologia um movimento fundamental de compreensão e hermenêutica do ser, cuja direção se volta às suas condições de possibilidade (Rosfort, 2019). Remetendo-se à existência humana, e em sua vertente organizada cientificamente, tal ontologia dá origem ao conhecimento psicopatológico, em uma refração a propostas de cunho estritamente ôntico e sintomatológico. Esta busca pelas condições de possibilidade será presentemente guiada pelas reflexões inicialmente propostas na obra seminal de Martin Heidegger “Ser e tempo” (1927), que historicamente vem permitindo pensar com profundidade a essência da proposta da psicopatologia fenomenológica em geral: a busca pelo horizonte fundador do adoecimento (Binswanger, 1956/2014; Tellenbach, 1956/2014; Moreira, 2011). Deste modo, esta tradição psicopatológica se diferencia de pesquisas cerceadas por premissas ônticas a respeito de um ente cujo caráter fundamental não é posto em questão (Orengo *et al*, 2020).

Deter-se nesta ontologia dos transtornos ansiosos, que pode ainda, futuramente, fundamentar aos mesmos uma terapêutica fenomenológica, significa buscar uma compreensão alargada e aprofundada da constituição destas psicopatologias (Souza, 2013; Fukuda, 2013). Constata-se ainda um profícuo crescimento contemporâneo da psicopatologia fenomenológica enquanto via fértil para o desvelamento ontológico e para o desenvolvimento de terapêuticas voltadas para a compreensão dos transtornos a partir de sua estrutura vivida. Este cenário coaduna a necessidade de aprofundar a compreensão dos transtornos ansiosos devido à sua prevalência, com a pertinência em fazê-lo através da tradição fenomenológica em psicopatologia, tomando a noção de angústia como fio condutor.

No campo da literatura e do pensamento filosófico, Sören Kierkegaard, Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Albert Camus, entre outros, pensaram a questão da angústia em suas obras fundamentais. Ela é, portanto, um termo conhecido na tradição fenomenológica-existencial, embora receba marcas singulares para cada um destes autores. Guardadas as devidas diferenças epistêmicas e históricas, sobre as quais não cabe uma discussão direta neste espaço, resgata-se a angústia enquanto aquilo que é, de algum modo, tematizado pela vertigem em Kierkegaard (1844/2013), pelo nada em Nietzsche (1887/2009), pelo poder-ser em Heidegger (1927/2005), pela liberdade em Sartre (1943/2018), pelo absurdo em Camus (1942/2019). Cada um destes temas possui relações de sentido profundas com as compreensões gerais tecidas por cada um destes autores, de modo que não seria possível nem tampouco cabível enquanto pretensão encurtá-las

presentemente em qualquer projeto de síntese, recaindo-se em riscos de achatamentos compreensivos ou de apropriações indevidas.

Basta-nos aqui, por ora, como ponto de partida, recobrar o fio condutor da angústia como questão fundamental para pensar o modo de ser do homem, e para pensar sua condição de possibilidade ao adoecimento (López-Ibor, M., 2019). Para os autores da tradição fenomenológica, a angústia guarda sempre um lugar fundante, nunca se deixando ser capturada enquanto mero epifenômeno ou sensação. Na ontologia heideggeriana, destacaremos seu lugar justamente enquanto existencial, remissivo à condição ontológica do ser-aí (*Dasein*), evitando-se assim que se recaia em uma simplificação da angústia enquanto simples sintoma.

Resgatar e revitalizar no debate psicopatológico o conceito de angústia (*angst*) através da fenomenologia é tratá-la ainda em sua aparição constitutiva fundamental, pensada enquanto a ausência de fundamentos - que aponta tanto para a liberdade, quanto para a absurdidade, para a indeterminação, etc, para que se possa compreendê-la também em suas aparições psicopatológicas presentes nos transtornos ansiosos. Historicamente, na inclinação do discurso para a psicopatologia, o termo alemão "*angst*", literalmente "angústia", foi traduzido para "*anxiety*", perdendo, enquanto "ansiedade", seu caráter reflexivo frente à existência (Tavares, 2006; Zegers, 2014; Klein & Herzog, 2017). Na redução para "ansiedade", tende-se à descrição de sinais e sintomas, deixando nublada a discussão sobre as afetações das condições de possibilidade da experiência. Tendo em vista um projeto fenomenológico, faz-se premente um resgate justamente de ordem ontológica para alocar de maneira adequada tais sinais e sintomas, de maneira a tomá-los não como simples aparições avulsas, mas como fenômenos enraizados no modo de ser daquele que adocece.

Através da compreensão fenomenológica para a psicopatologia, são visíveis as relevâncias tanto do aspecto do sofrimento vivido quanto da compreensão da estrutura da experiência (López-Ibor, JJ., 1965; Messas, 2010; Oliveira & Antúnez, 2017; Tavares, 2020). Ao posicionar a angústia como possibilidade de fundamento comum entre os transtornos ansiosos, tornar-se possível compreendê-los não apenas como categorias diagnósticas, que por si só não asseguram que se consiga pautar uma terapêutica, mas sim em sua relação de sentido com o modo de ser do homem, abrindo a possibilidade de compreender qual dialética de proporções antropológicas está presente no cerne do transtorno (Blankenburg, 2018). Por

consequência, abre-se um campo de terapêuticas mais capazes de se aproximar da realidade experienciada no sofrimento (Skodlar & Henriksen, 2019; Fuchs, 2019; Sass, 2019).

Ontologia enquanto abertura: apontamentos heideggerianos

A tradição da psicopatologia fenomenológica possibilitou verter sobre o campo clínico a interpretação hermenêutica, que busca enraizar os fenômenos em questão em suas próprias conjunturas e contextos relacionais. Neste sentido, se antepõe aos atos de investigação causalistas e de cunho explicativo, majoritários no campo psicopatológico (Andreasen, 2007). Tais metodologias têm suas raízes em uma tradição metafísica que se dirige a objetos como se seu estatuto ontológico não estivesse em jogo, ou tomando-o como o das “coisas”, por assim dizer: “*O fato das pesquisas positivas não verem os fundamentos [ontológicos] e considerados evidentes não constitui uma prova de que eles não se achem à base e que não sejam problemáticos(...)*” (Heidegger, 1927/2005, p.87). As explicações e buscas por relações causais e deterministas pressupõem objetos de estudos estáveis e passíveis de predição, cujas relações possam ser antecipadas e submetidas à repetição e à universalidade. Para a psicopatologia, no entanto, é preciso investigar de outra forma.

É neste sentido que Heidegger (1927/2005) propõe uma interpretação dos fenômenos através de suas próprias referências e em seu sentido, e não a partir de *a priori* metafísicos, advindos de conhecimentos que desconsideram o modo de ser enquanto questão angular para se pensar as ciências. Cada situação requer, fenomenologicamente, uma compreensão que só pode advir “da própria coisa”, ou seja, de uma hermenêutica das relações conjunturais daquilo que está em questão: “Ciência dos fenômenos significa: apreender os objetos *de tal maneira* que se deve tratar de tudo que está em discussão, numa de-monstração e procedimento diretos” (Heidegger, 1927/2005, p. 65).

Este rigor metodológico se faz ver na psicopatologia fenomenológica que busca por uma ontologia enquanto modo de realizar ciência de casos concretos, voltada à existência daquele que sofre. Ao passo que se constitui enquanto fenomenologia das situações clínicas, constitui-se também como apresentação das condições de possibilidade da existência em geral.

Epistemologicamente, o termo “método” compreende a noção de “caminho para” (Souza *et al*, 2010). A pertinência específica da metodologia fenomenológica para alcançar a ampliação da compreensão sobre os quadros ansiosos se funda na possibilidade de se

constituir uma tematização ontológica e fenomenológica voltada aos casos clínicos diagnosticados como transtornos ansiosos. Para uma visada hermenêutica, portanto, não seria pertinente a aplicação de nenhum método afinado à perspectiva metafísica ou positivista, que procuram sob variadas formas assegurar que o ponto de chegada de diversas investigações seja sempre convergente - uma vez mantendo-se os passos. Na fenomenologia, não se busca uma unidade do caminho nem tampouco uma definição fixa que permita prever os resultados antes de seu desvelamento, mas visa-se método como circularidade hermenêutica, atinente ao fenômeno e capaz de desencobrir novos sentidos (Banzato & Zorzaneli, 2017; Kraus, 1994)

Para o ser-aí (*Dasein*), existir é estar lançado em uma relação dotada de mundo (*da*) enquanto tecitura de sentido. Tal tecido tem em sua malha *a priori* fundamentais (Basso, 2009) enquanto condições de possibilidade da mesma, que constituem a existência do *Dasein* tal como ela se dá. São eles os existenciais (Heidegger, 1927/2005), que fundam ontologicamente toda e qualquer questão ôntica em discussão. Enquanto ente cujo modo de ser está em jogo temporalmente (primado ôntico), o ser-aí tem como possibilidade compreender seu próprio modo de ser (primado ontológico) (Heidegger, 1927/2005). Estar em jogo denota o caráter irremediável de uma existência que é sempre minha e que se dá a cada vez, e sempre numa tecitura de sentidos sustentada pela malha dos caracteres existenciais. Heidegger distingue-se, assim, da tradição metafísica, ao estabelecer *a priori* existenciais a partir do próprio mundo, acessíveis onticamente.

Nesta direção, como a fenomenologia não supõe que as situações ônticas possuam sentidos previamente dados e inalterados, não visa, portanto, com sua ciência, alcançar a possibilidade de vir a controlá-los. Visa, sim, aproximar-se dos fenômenos e deixá-los aparecer em sua relação própria de sentido (do grego *phainesthai*) (Heidegger, 1927/2005, p.58). Nesta perspectiva, é preciso pensar método em relação à hermenêutica em sua compreensão circular: atinente não ao rigor científico oriundo do positivismo e compreendido como estabilidade e repetição, mas ao rigor científico fenomenológico (Blankenburg, tradução 2018; Andersch, 2017), relativo à possibilidade de retorno às coisas mesmas (Husserl, 1913/2006). Reforça-se, assim, a necessidade de retomada dos fundamentos constitutivos dos transtornos ansiosos, muito mais do que uma simples descrição de sinais e sintomas ou a busca pela configuração estática de um quadro simplesmente dado. É por esta busca ontológica que se dará a retomada da noção de “*angst*”.

O movimento investigativo desta natureza caracteriza o método fenomenológico muito mais como uma retirada daquilo que não é próprio ao fenômeno, para que ele se desvele como tal, do que uma técnica que possa produzir conceitos e conclusões sintéticas acerca de algo, baseado em conhecimentos previamente dados, sejam do senso comum ou das ciências positivistas (Mattar & Sá, 2008). É neste sentido que se torna premente uma tematização ontológica da angústia enquanto condição fundadora do modo de ser do homem. Retirando-se dos quadros ansiosos aquilo que não lhes pertence originariamente – as caracterizações positivas sintomatológicas, os enquadramentos nosológicos, as deliberações protocolares para cura -, encontramos uma existência que sofre; uma existência que, de algum modo, encontra-se com suas possibilidades encurtadas. Entende-se que as categorias elencadas como não pertinentes fundamentalmente possuem sua pertinência técnica a uma época tomada por este sentido predominante, e aqui são apontadas exclusivamente enquanto apreensões encurtadas ao se buscar um desvelamento ontológico das psicopatologias. Tomadas isoladamente, aparecem enquanto verdade última e como operacionalidade de um tratamento, nublando as possibilidades existenciais mais atinentes ao modo de ser do homem - modo este, fundado na própria angústia.

Aparece, assim, a possibilidade de compreensão psicopatológica enquanto modalidade existencial, enquanto arranjo ôntico restrito das estruturas ontológicas fundantes do homem, e não mais como a presença positiva de qualquer disfuncionalidade. A fenomenologia permite compreender o sofrimento enquanto negatividade, enquanto modo debitário da existência frente ao seu poder dispor das possibilidades que lhe constituem enquanto modo de ser. O sentido negativo, debitário e constitutivo apontam justamente para aquilo que procuramos resgatar como “angústia” (“*angst*”), como veremos mais a frente.

Ontologia para uma psicopatologia

Como apontado, a fenomenologia aparece como geminal ao objetivo psicopatológico de uma descrição dos fundamentos ontológicos das doenças e da experiência vivida (Barthélemy, 2012). Enquanto possibilidade para uma psicopatologia, a fenomenologia é via plural e potente, abrindo compreensões antes veladas. Tal recuo às condições gerais de possibilidade de ser é necessário porque, se estas condições constituem a trama da existência como um todo, então constituem as situações psicopatológicas igualmente. Cabe, portanto, à psicopatologia fenomenológica dar visibilidade a estes fundamentos e alcançar a

maneira em que especificamente se apresentam nas situações adoecidas (Kraus, 2007). Enquanto critérios constitutivos da existência, eles estarão sempre em jogo sob uma outra forma, e é a compreensão sobre estas uma ou outra forma, na situação ordinária e em cada situação específica de sofrimento, que permite uma descrição fenomenológica da psicopatologia.

Vem neste sentido a busca pela angústia como fundamento ontológico para a possibilidade do adoecimento mental - este entendido enquanto restrição de sentido ou de possibilidades. O adoecer também carrega, portanto, uma compreensão negativa em fenomenologia – “estar doente” não remete a possuir estes ou aqueles atributos supostamente caracterizadores da patologia, mas sim, encontrar-se em situação idiossincrática de restrição do poder-ser, marcada pela ausência de uma relação livre com o próprio devir. A idiossincrasia demarca os modos gerais que a restrição pode tomar: são os chamados quadros psicopatológicos ou diagnósticos. Visando uma relação entre a angústia fundamental e os transtornos ansiosos, é preciso buscar por uma compreensão originária entre a negatividade que dá condições à possibilidade do adoecer em geral, para partir à afinação específica presente na condição dos quadros ansiosos.

Por tal via, estes passam a ser descritos não apenas por sinais e sintomas, mas pelo mundo vivido, ou seja, pelas formas de apresentação distintas de cada condição de possibilidade: nesse artigo, entenderemos angústia como uma condição originária existencial e não como um sintoma particular, tradicionalmente vinculado aos quadros de depressão melancólica. Esse uso do termo não implica desprezo quanto ao significado particular utilizado na psicopatologia, mas o interesse presente em pensar a angústia como condição de possibilidade. Trata-se de mirar nas afetações da trama que sustenta o tecido da vida, de um recuo compreensivo que permita uma aproximação da existência tal como se dá, não a partir de categorias apriorísticas apartadas do mundo. Este movimento é encontrado nas psicopatologias clássicas de Binswanger (1954/2013), Tellenbach (1969/1999), Minkowski (1997/2019), Blankenburg (2018), Tatossian (1979/2006), Boss (1977), López-Ibor (1952), entre outros, e na obra contemporânea de Sass (1988), Fuchs (2017), Messas (2018), Stanghellini (2019), e também entre outros. As categorias por eles referidas são, com algumas variações de inclusão e exclusão: temporalidade, espacialidade, interpessoalidade, corporeidade e ipseidade. A partir destas, os quadros psicopatológicos podem ser descritos com o rigor do fenômeno, não pelo rigor positivista biologizante (Aho, 2019).

Busca-se uma descrição atinente às próprias coisas, respectiva ao modo como a experiência pode estruturalmente se configurar em suas relações de proporção. Estes eixos compõem, portanto, o próprio modo de ser do ente *Dasein*, estando eles presentes na experiência psicopatológica sob algum modo de apresentação. Tais modais sempre se dão em um processo de dialética (Blankenburg, 2018), mantendo certas proporções de opostos complementares dentro de cada um destes eixos. A espacialidade, por exemplo, sempre conterà uma espécie de relação dialética e móvel entre expansão e retração, confluência e separação, proximidade e distanciamento. Os eixos se inter-relacionam e, na prática, não podem ser separados, uma vez que são caracteres descritores de um modo de ser, e não meras características atributivas e predicativas sobre um objeto cujo estatuto ontológico esteja negligenciado, esquecido ou tomado como ~~ser já esteja~~ dado. Quando, na literatura, se faz referência especificamente a uma categoria, portanto, é apenas de modo a permitir destacá-la para ressaltar algum aspecto mais relevante vivido em uma psicopatologia determinada, mas os demais estarão sempre em questão conjuntamente.

É justamente por apontar para um ente cujo modo de ser esteja em jogo na própria existência (Heidegger, 1927/2005), que não se pode recair em simplificações ônticas predicativas acerca dele: simplesmente atribuir características sobre um ente pressupõe que já se tenha para com este ente uma relação descoberta e dada, onde o mesmo já se tenha revelado em suas possibilidades. Como, para o ente humano, este esgotamento nunca se dá, a não ser em sua finitude, que encerra de vez seu poder-ser, é radicalmente encurtador lidar com ele como se o mesmo fosse já algo sabido e determinado, sobre o qual se pudesse somente verter conceitos e intervenções. É neste sentido que a descrição ontológica preserva uma relação de remissão não conceitual ao ente que descreve, no caso do humano, de modo a ressaltar o movimento temporal de sua existência, a partir da qual se abrem suas possibilidades compreensivas.

Compreender estes modos possibilita diagnosticar de forma rigorosa e atinente ao fenômeno psicopatológico em questão (Messas & Fukuda, 2018), e por conseguinte, articular uma terapêutica fenomenológica que consiga ir além das categorias universalizantes e das classificações abstratas. Sedimenta-se, assim, o projeto de uma terapêutica hermenêutica e descritiva que trabalhe a partir da estrutura vivida (Barthélemy, 2012), atendo-se às condições de possibilidade da experiência - logo, da experiência adoecida inclusive. O sofrimento será visto tanto a partir de sua concreção ôntica e singular, quanto a partir das condições de

possibilidade constitutivas, permitindo um diagnóstico diferencial através das nuances da experiência: “*A fenomenologia não se interessa pelas realidades como tais, mas pelas suas condições de possibilidade (...)*” (Tatossian, 1979/2006, p.25). Tal tarefa aparece ao psicopatologista não como técnica a ser executada, mas como horizonte de possibilidades refratário àquele em que se constitui a tomada da doença como epifenômeno causal, encurtado e reduzido como manifestação sintomática.

A negatividade como núcleo psicopatológico-ontológico da angústia

Para então remeter às condições de possibilidade da experiência, ao resgate de seu fundamento ontológico, encontra-se com o fundamento ontológico do próprio adoecer – à condição desta possibilidade especificamente. Como aponta Fuchs (2013), há uma série de características e circunstâncias que se articulam de modo a tornar o ser humano vulnerável ao adoecimento psíquico. Sua sujeição às alterações que compreendemos como os quadros psicopatológicos podem se fundar em explicações e vieses de variadas ordens, mas interessa aqui especificamente a investigação fenomenológica: em uma análise ontológica: para tal, esta vulnerabilidade desponta como a ausência de fundamentos presentes no modo de ser do homem – sua negatividade existencial. Em outras palavras, desponta como angústia.

É de essencial valor demarcar que a angústia enquanto negatividade é angústia enquanto ausência: ausência de fundamentos determinantes, ausência de substancialidade, ausência de projeto prévio - diferentemente da angústia sintomática, positiva, esta sim caracterizada por uma certa aparição sintomatológica usualmente correlacionada a pressões no peito, falta de ar, sensações de desesperança, entre outros. Esta aparição ôntica pode, é claro, ter por fundamento ontológico a angústia que se quer aqui apontar; mas não pode nunca, com vistas à compreensão fenomenológica, ser confundida com aquela, sob o risco de se recair em um reducionismo e em um novo esquecimento da questão ontológica.

Ao se apontar a angústia negativa enquanto fundamento para os transtornos ansiosos, não se propõe que estes transtornos possuam um fundamento positivo, essencial ou substancial – não, até por se tratar a angústia justamente da ausência de todas estas possibilidades quiditativas. A noção de fundamento aqui vigente não se dá enquanto fundação em solo positivo, mas por condição abismal de possibilidade que, justo por ser ausência, abre o espaço negativo necessário para o poder-ser. Paradoxalmente, seu o fundamento é um abismo.

A negatividade que funda o poder-ser desponta como um sentido possível da angústia: ser modalmente uma abertura que desarraiga o ente humano de qualquer determinação que possa balizar plenamente sua experiência cotidiana, lançando-o à existência sob o modo da incerteza, da dúvida e da vulnerabilidade. Não seriam estes os temas que surgem, a princípio impessoalmente, no sofrimento dos transtornos ansiosos? Justo uma única possibilidade de resposta, uníssona, frente às convocações que se abrem a partir deste modo de ser, uma correspondência em coro que ecoa a tentativa de afugentar as instabilidades daí decorrentes, um consonante e teimoso drible dado na existência, que termina por fazer cair aquele que o aplica. Tentativas fracassadas de amortecer as vertigens causadas pelas ondas imprevisíveis do devir, os transtornos ansiosos fazem padecer duplamente: pela dor como modo de correspondência à angústia existencial, remetida ao próprio modo de ser, e pelas dores oriundas das tentativas malogradas.

Frente aos modos ônticos com que estas dores se mostram, talvez pouco se possa fazer para além dos tratamentos que buscam aliviar – por vezes temporariamente – os sintomas, como se estes em nada falassem àquele que os experimenta. Postos, porém, diante de um horizonte ontológico, há muito a compreender a partir das articulações de sentido que já se mostram através das relações encurtadas com as possibilidades frágeis da existência. Desvelar possíveis modos mais alargados de corresponder a esta angústia existencial pode proporcionar mais do que o alívio sintomático: pode convocar para a uma possibilidade mais própria da concreção existencial, ao mesmo tempo em que aponta para o espaço a partir do qual cada uma delas, que dispõem mais ou menos da liberdade negativa, pode aparecer.

Caso se produza uma clínica que não ponha em questão a relação sintomática e queixosa com o próprio modo daquele ente que traz a queixa, corre-se o risco de produção de uma psicopatologia a-histórica, sem nenhuma relação de compreensão para com aquele ente que justamente ela trata, posicionando-o enquanto coisa simplesmente dada e desarraigado de suas condições de possibilidade. Sendo a angústia – em suas muitas acepções supramencionadas – condição livre, aberta e basal da constituição negativa do homem, os transtornos ansiosos podem ser compreendidos enquanto forma impessoal de aparecimento desta mesma angústia – enquanto possibilidade estreita de sua mostração (Angerami, 2014; Oliveira & Antunes, 2017; Salles, 2019).

Conclusões

O sofrimento psíquico associado aos transtornos configura-se ainda desafiador, uma vez que nunca se sabe de antemão como compreender e abordar esta angústia insurgente quando a mesma se dá – e apenas se pode pensar em constituir uma terapêutica fenomenológica a partir da pedra angular compreensiva de que aquilo que aparece possui alguma relação fundamental como o próprio modo de ser daquele que sofre, e não que seja apenas um apêndice a ser extirpado, sem que haja qualquer possibilidade de compreensão sobre o mesmo. Assim, frente a este desafio, é iluminadora a compreensão ontológica, de modo que as estratégias terapêuticas serão guiadas pelas condições de possibilidade dadas *a priori* (Tamelini & Messas, 2016) para o próprio adoecer.

Cabe ao profissional que se dedica metodologicamente e com atenção à compreensão hermenêutica interpretar os transtornos ansiosos como possibilidades restritas de uma certa relação do poder-ser angustiado, desvelando junto àquele que sofre os caminhos desta angústia, ao invés de estabelecer uma relação belicosa para com os sintomas. Não que os mesmos não possam ser tratados e amortizados por terapêuticas em cada caso de sofrimento, mas caso recaiam exclusivamente nesta prática direta ou, principalmente, exclusivamente nesta compreensão, tanto por parte do profissional quanto do paciente/cliente, recair-se-ia em um esquecimento fundamental sobre o modo de ser daquele que está em jogo, privando-o da possibilidade de outras lidas na direção de sua angústia, irremediável.

Referências

- Aho, K. (2019). Affectivity and its disorders. In G. Stanghellini *et al* (Ed.), *The Oxford handbook of phenomenological psychopathology*. (pp.561-568). New York: Oxford University Press.
- Andersch N. (2017). Toward a synthesis of psychiatry and semiotics. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 6(2): 93-111. Recuperado de: https://www.researchgate.net/publication/322539535_Towards_a_synthesis_of_Psychiatry_and_semiotics_Para_uma_sintese_entre_Psiquiatria_e_semiotica
- Andreasen N. C. (2007). DSM and the death of phenomenology in america: an example of unintended consequences. *Schizophrenia bulletin*, 33(1), 108–112. <https://doi.org/10.1093/schbul/sbl054>

- Angerami, V. (org). (2014). *Angústia e psicoterapia: uma visão multiteórica*. 2ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Banzato, C. E. M, & Zorzanelli, R. T. (2017). Conhecimento tácito e raciocínio clínico em psiquiatria. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 6(2): 81-92. Doi: [10.37067/rpfc.v6i2.979](https://doi.org/10.37067/rpfc.v6i2.979)
- Barthélemy, J. M. (2012). Origem e contexto de emergência da noção de estrutura em psicopatologia fenômeno-estrutural: evolução do conceito, seu lugar e suas implicações nas práticas clínicas contemporâneas. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 1(1): 88-105.
- Basso, E. (2009). L'apriori nella psichiatria "fenomenológica". In L. Bisin (Ed.), *Los guardo in anticipo: quattro studi sull'apriori*. (pp.9-46). New York: Oxford University Press.
- Binswanger, L. (1977). *Três formas da existência malograda: extravagância, excentricidade, amaneiramento*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Originalmente publicado em 1956).
- Binswanger, L. (2013). *Sonho e Existência: escritos sobre fenomenologia e psicanálise*. Rio de Janeiro: Via Verita. (Originalmente publicado em 1954).
- Blankenburg W. (2018). Qual é o alcance da abordagem dialética na psiquiatria? (Tradução) *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 7(1): 44-67.
- Boss, M. (1977). Análise Existencial - Daseinsanalyse: Como a Daseinsanalyse entrou na Psiquiatria. *Daseinsanalyse - Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, 22,23-35.
- Camus, A. (2019) *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record. (Originalmente publicado em 1942).
- Fuchs, T. (2019). The interactive phenomenal field and the life space: sketch of an ecological concept of psychotherapy. *Psychopathology*. doi: 10.1159/000500012
- Fuchs, T. (2017). *Ecology of the Brain: The Phenomenology and Biology of the Embodied Mind*. OUP Oxford.
- Fuchs, T. (2013). Existential Vulnerability: Toward a Psychopathology of Limit Situations. *Psychopathology*. doi: 10.1159/000351838
- Fukuda L. (2013). A psicopatologia na formação psiquiátrica. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 2(2): 51-65. Doi: [10.37067/rpfc.v2i2.1035](https://doi.org/10.37067/rpfc.v2i2.1035)
- Heidegger M. (2005). *Ser e tempo*. (15a. ed.). Petrópolis: Vozes. (Originalmente publicado em 1927).

- Kierkegaard, S. (2013). *O conceito de angústia*. (3a. ed.). Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora São Francisco. (Originalmente publicado em 1844).
- Klein, T, & Herzog R. (2017). Inibição, sintoma e medo? Algumas notas sobre a Angst na psicanálise. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 20(4): 686-704. Doi: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2017v20n4p686-5>
- Kraus A. (1994). Um encontro com Heidelberg: diagnósticos fenomenológicos e criteriológicos: diferentes ou complementares? *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 43(5): 251-257.
- Kraus, A. (2007). Schizophrenic delusion and hallucination as the expression. And consequence of na alteration of the existencial a prioris. In M.Ch. Chung, K.W. Fulford, G. Graham (Ed.), *Reconceiving schizophrenia* (pp.97-111). New York: Oxford University Press.
- López-Ibor, J. J. (1952). *La Angustia Vital*. Madrid: Paz Montalvo.
- López-Ibor, J. J. (1965). “Basic Anxiety as the Core of Neurosis.” *Acta Psychiatrica Scandinava* 41(3): 329–332.
- López-Ibor, M.J.; Zappino, J. (2019). Vital anxiety. In G. Stanghellini *et al* (Ed.), *The Oxford handbook of phenomenological psychopathology*. (pp.582-592). New York: Oxford University Press.
- Mattar, C., & Sá, R. (2008). Os sentidos de “análise” e “analítica” no pensamento de Heidegger e suas implicações para a psicoterapia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia UERJ*, RJ, 8(2), 191-203.
- Messas G. (2010). *Ensaio sobre a estrutura vivida: psicopatologia fenomenológica comparada*. São Paulo: Roca.
- Messas, G., Tamelini, M., Mancini, M., & Stanghellini, G. (2018). New perspectives in phenomenological psychopathology: its use in psychiatric treatment. *Frontiers in Psychiatry*, 9(466). Doi: [10.3389 / fpsyt.2018.00466](https://doi.org/10.3389/fpsyt.2018.00466)
- Messas, G., & Fukuda L. O diagnóstico psicopatológico fenomenológico da perspectiva dialético-essencialista. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 2018; 6(11): 160-191. Doi: [10.33361 / RPQ.2018.v.6.n.11.189](https://doi.org/10.33361/RPQ.2018.v.6.n.11.189)
- Minkowski, E. (2019). *Além do racionalismo mórbido*. São Paulo: Escuta. (Originalmente publicado em 1997).

- Nietzsche, F. (2009). *Genealogia da moral*. Rio de Janeiro: Companhia de bolso. (Originalmente publicado em 1887).
- Oliveira, A. L., & Antúnez, A. E. A. (2017). A estrutura da pessoa humana em Edith Stein: indicação para a formulação de uma psicologia fundamentalmente humana. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 6(2): 124-144.
- Orengo, FV., Holanda, AF., & Goto, TA.. (2020). Phenomenology and phenomenological psychology for brazilian psychologists: an empirical understanding. *Psicologia em Estudo*, 25, e45065. Epub March 16, 2020. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v25i0.45065>
- Organização Mundial da Saúde. (1997). *CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*. 10a rev. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Pan American Health Organization. (2018). *The Burden of Mental Disorders in the Region of the Americas*. Washington, D.C.
- Rosfort, R. (2019). Phenomenology and hermeneutics. In G. Stanghellini *et al* (Ed.), *The Oxford handbook of phenomenological psychopathology*. (pp.298-312). New York: Oxford University Press.
- Salles, A. (2019). *Angústia existencial: Psicologia à luz de Kierkegaard*. Curitiba: Juruá.
- Sartre, J. P. (2018). *O ser e o nada*. (24a. ed.) Rio de Janeiro: Vozes. (Originalmente publicado em 1943).
- Sass, L. (2019). Three dangers: phenomenological reflections on the psychotherapy of psychosis. *Psychopathology*. doi: 10.1159/000500012.
- Sass, L. (1988). *Hermeneutics and Psychological Theory: Interpretive Approaches to Personality, Psychopathology and Psychotherapy*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.
- Skodlar B, Henriksen MG. (2019). Toward a phenomenological psychotherapy for schizophrenia. *Psychopathology*. doi: 10.1159/000500163
- Souza, G. F. J. (2013). Fenomenologia e raciocínio clínico em psiquiatria: o conceito de marcadores psicopatológicos. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 2(2): 3-31.
- Stanghellini, G. (2019). *The Oxford Handbook of Phenomenological Psychopathology*. OUP Oxford.

- Tamelini, M., & Messas, G. P. (2016). On the phenomenology of delusion: the revelation of its aprioristic structures and the consequences for clinical practice. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 5(1), 1-21.
- Tatossian, A. (2006). *A fenomenologia das psicoses*. São Paulo: Escuta. (Originalmente publicado em 1979).
- Tavares, J. (2006). *Terror, medo, pânico: manifestações da angústia no contemporâneo*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- Tavares, J. (2020). *Angústia e serenidade: A psicopatologia contemporânea em diálogo com Heidegger*. Rio de Janeiro: Via Vertita.
- Tellenbach, H. (1999). A endogeneidade como origem da melancolia e do tipo melancólico. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 2, n. 4, p. 164-175. (Originalmente publicado em 1969).
- Tellenbach, H. (2014). A espacialidade do melancólico – parte I. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 3(1): 134-156. (Originalmente publicado em 1956).
- World Health Organization. (2017). *Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates*. Geneva.
- Zegers, O. D. (2014). Los síndromes ansiosos y depressivos como timopatías. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 3(1): 1-22.

Recebido em 27.11.2020

Primeira Decisão Editorial em 13.01.2021

Aceito em 02.02.2021